

**NÓS ARDEMOS
INTENSAMENTE**

Amor

TAMBÉM DE TJ KLUNE

LIVROS PARA ADULTOS

Série Green Creek

Wolfsong

Ravensong

Heartsong

Brothersong

Crônicas Ceruleanas

A Casa do Mar Cerúleo

Em Algum Lugar Além do Mar

Independentes

Os Ossos sob a Minha Pele

Além da Porta Sussurrante

A Vida Entre Marionetes

LIVROS PARA JOVENS ADULTOS

Série Extraordinaries

The Extraordinaries

Flash Fire

Heat Wave



NÓS ARDEMOS INTENSAMENTE

TJ KLUNE

Tradução
Eveline Machado



MORROBRANCO
EDITORA

Rio de Janeiro, 2026

Nós Ardemos Intensamente

Copyright © 2026 MORRO BRANCO

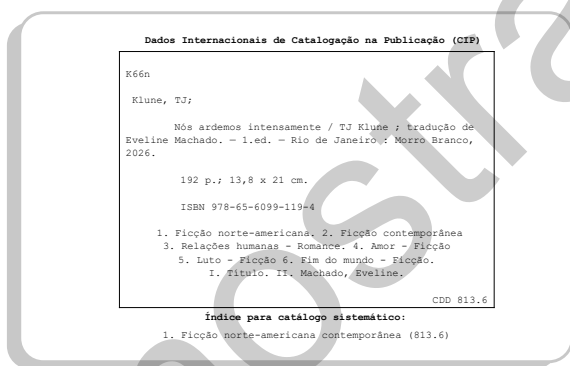
MORRO BRANCO é uma editora do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2026 TJ KLUNE

ISBN: 978-65-6099-119-4

Translated from original We Burned So Bright. Copyright © 2026 by TJ Klune. ISBN 9781250881236. This edition is published by arrangement with The Knight Agency, through International Editors & Yáñez Co' S.L. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda., Copyright © 2026 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2026 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.



Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Vendas Governamentais: Cristiane Mutús

Coordenação Editorial: Beatriz de Assis e Illysabelle Trajano

Tradução: Eveline Machado

Copidesque: Paulo Henrique Aragão

Revisão: Ellen Andrade

Diagramação: Natalia Curupana



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouviodia: ouviodia@altabooks.com.br



*Para minha editora, Ali Fisher,
cujo pequeno bilhete acendeu a ideia para este livro.
E para NB e TJB, por terem atravessado a escuridão.*

Amostra

Amostra

NOTA DO AUTOR



Esta história explora o amor e o luto no fim do mundo.
Há discussões sobre a morte em diferentes formas,
incluindo suicídio.
Por favor, leia com cuidado.



CAPÍTULO 1



Don desligou a televisão. Ele havia passado a manhã no jardim, onde aquelas ervas daninhas irritantes voltavam com força total. Toda essa chuva de primavera, pensou ele. E para quê?

Seu marido, Rodney, estava sentado em uma poltrona reclinável a poucos passos de distância. Aos setenta e oito anos, Rodney era um homem ranzinza e silencioso, cujas sobranças espessas falavam por ele na maior parte do tempo. Quarenta anos juntos, e Don conseguia dizer o que ele estava pensando sem que trocassem uma única palavra.

— Eu sei — disse Don. — Está na hora.

Rodney soltou um grunhido em resposta, inclinando-se para a frente na cadeira, as mãos sobre os joelhos. Suas costas o incomodavam, embora ele não admitisse. Mas Don sabia. É claro que sabia. Ele sabia tudo sobre Rodney. Rodney, que olhou para Don com a expressão suavizando-se.

— Você está bem?

— Não, acho que não.

Rodney assentiu e levantou-se da poltrona, soltando um gemido ao fazê-lo, os joelhos estalando.

— Fique exatamente aí — disse ele.

Don ficou, encarando o vazio. Ele não sabia como se sentir. Assustado? Ah, sim. Com raiva? Talvez; uma pequena faísca que sussurrava: *Como isso pode ser justo?*

Mas, acima de tudo, Don sentia-se aliviado, e de um modo estranho. Não pelo fato de que o mundo inteiro desapareceria em trinta dias, mais ou menos. Não, ele não era do tipo que se deleitava com a desventura alheia. Seu alívio vinha de saber como tudo terminaria.

Envelhecer significava que ele já estava correndo contra o tempo de qualquer maneira, com pensamentos que às vezes se desviavam para cantos mais sombrios:

Seria o cólon?

O coração?

Um pequeno estouro em um vaso sanguíneo no cérebro que faria a pessoa cair morta?

O corpo humano era um milagre que não fora feito para durar. Ele sentia isso no endurecimento de suas articulações. Espreguiçar-se do jeito errado de manhã? Rendia uma semana inteira de desconforto. Fazer exame de sangue? Ah, o que será que encontrariam *nele*?

Agora, porém... agora era diferente. Agora, o mistério da morte — *quando, como, por que* — estava resolvido para todos.

Rodney voltou. Don não sabia quanto tempo ele estivera fora. Ele trazia uma pequena caixa — de carvalho, polida à perfeição, com uma fechadura de latão na frente. Tinha mais ou menos o tamanho de um porta-joias; não era grande nem pesada, mas Rodney a manuseava com cuidado.

— Se vamos fazer isso, temos que fazer agora — falou.

Don baixou a cabeça.

— Eu sei. É que... a gente sempre acha que vai ter mais tempo.

— Temos o suficiente — disse Rodney. — É isso o que conta.

Don olhou pela janela. Nuvens no céu, nuvens finas que se estendiam sobre uma floresta verde. O sol brilhando. Pássaros cantando. E, se as pessoas que entendiam das coisas estivessem certas, tudo aquilo sumiria em um mês. Ou o planeta seria destruído, com pedaços de rocha sendo puxados em direção ao infinito, ou seria esticado e esticado e esticado até que o mundo inteiro fosse uma linha fina e reta, incapaz de sustentar a vida.

A causa? Um buraco negro errante. Uma chance em um trilhão, haviam dito, sem fôlego. Havia uma chance em um trilhão de um buraco negro encontrar o caminho até nosso pequeno canto do universo. Probabilidades astronômicas e, no entanto, agora uma realidade.

O que significava o caos, claro. Veículos militares nas ruas da maioria das cidades, grandes e pequenas. Saques, rebeliões, queima de carros, prédios e pessoas — tudo isso já havia acontecido. Sabia-se sobre o buraco negro há quase um ano e, nos primeiros dias, havia mais coisas em chamas do que não. Quando encurralado, um animal pode ser perigoso. Os seres humanos eram animais, e dos mais letais.

No último ano, provaram ser exatamente isso. No Arizona, um grupo de pessoas se banhou em gasolina. Enquanto uma multidão horrorizada assistia, alguém acendeu um isqueiro e todos se consumiram em chamas e fumaça, tudo em nome de deixar o mundo para trás em seus próprios termos. Em Nebraska, trinta e quatro pessoas tentaram tomar o capitólio, mas dez foram baleadas antes que pudessem entrar. Seis morreram devido aos ferimentos. Em Paris, multidões imensas lotaram as ruas, vitrines de lojas foram estilhaçadas enquanto as pessoas saqueavam tudo o que não estivesse parafusado ao chão. Na Cidade do Cabo, centenas de pessoas caminharam para o oceano e se afogaram. Algumas levavam crianças. Outras auxiliavam idosos. Em Chengdu, dezenas de pessoas saltaram do topo de arranha-céus enquanto outras observavam com expressões vazias, esperando a vez. Na Dinamarca, um autoproclamado profeta disse que, antes que o planeta fosse destruído, o céu se abriria para os escolhidos, e eles ascenderiam à Glória Eterna. Ele reuniu gente aos milhares, sua voz ecoando por um campo lotado. Durante uma de suas sessões no púlpito, ele foi esfaqueado até a morte por uma mulher que chorava enquanto tirava e enfiava a faca repetidamente. Ninguém tentou impedi-la até que fosse tarde demais. O profeta morreu engasgado com o próprio sangue. A mulher — uma senhora que berrava e berrava — não resistiu quando a multidão avançou sobre ela.

— Seremos cuidadosos — garantiu Don, o olhar voltando para o baú nos braços de Rodney. — Vamos pelas estradas secundárias. Evitando as rodovias principais.

— Quando? — perguntou Rodney.

— Amanhã.
E assim, ficou decidido.



Quando se aposentaram, dez anos atrás, fora de forma inesperada. Ambos planejavam trabalhar mais alguns anos, mas então a vida aconteceu, e os dois foram levados em uma direção que não previam. Rodney havia trabalhado para o estado em uma função ingrata, preenchendo relatórios intermináveis para qualquer coisinha que o governo inventasse. Don gerenciara o consultório de um fisioterapeuta, e fizera isso por quase quinze malditos anos. E então... bem. Um fim, de certa forma; um fim que ambos esperavam e temiam em igual medida. Amputados, como se um membro tivesse sido removido sem qualquer discussão.

Sete meses depois, Rodney comprou um trailer. Don não ficou nem um pouco satisfeito.

Os amigos deles — todos mais velhos — ficaram empolgados. A vida em um trailer era de uma espécie diferente, diziam eles. Ora, comprar seus próprios trailers fora uma das melhores decisões que já haviam tomado. Um hotel sobre rodas! Claro, você precisava encontrar um lugar para estacionar e passar a noite (evite os Walmarts, se puder), mas havia tantos lugares para trailers. Caramba, havia milhares e milhares de aposentados que tinham feito o mesmo e não se arrependiam.

Sim, seria grandioso, exceto pelo fato de o trailer ser uma coisa horrorosa: velho, com o revestimento amassado e ferrugem em volta dos eixos das rodas. Branco, com uma linha grossa de um marrom sujo nas laterais. Não era um daqueles trailers caros que pareciam e rodavam como um ônibus. Não, aquele era mais como um acampamento pregado na traseira de uma caminhonete velha. Mas seu pior pecado eram as persianas de tricô, em um marrom e rosa pavorosos, que ficavam penduradas no pequeno quarto. Don não era nem um pouco fã delas.

Por um milagre, o trailer funcionava, soltando fumaça preta e espessa pelo escapamento. Registrado, passou na inspeção (por pouco) e bebia gasolina como um poço sem fundo. Mas Rodney estava encantado por ele, dizendo que achava que poderiam pegar a estrada, aproveitando paisagens e pessoas que nunca tiveram tempo de ver antes. Don nunca tinha se considerado alguém “do tipo que viaja de trailer”, mas conseguia imaginar: longos dias de verão com nada além da estrada adiante, o sol se pondo ao longe, deixando o céu rosa, vermelho e laranja. Um audiolivro no rádio, um daqueles que ele sempre quisera ouvir, mas nunca tivera tempo.

Ele pensava muito nisso: no tempo. Em como ele podia ser interminável e então, num piscar de olhos, anos haviam se passado.

Ah, os lugares para onde tinham ido: para Montana e águas tão límpidas que os leitos profundos dos lagos pareciam ao alcance das mãos. Para o Arizona, de pé diante do Grand Canyon, as rochas de um vermelho queimado, o ar fervilhando de calor. Para a Trilha dos Apalaches, caminhando bons treze quilômetros antes de desistirem. Para o Wyoming, com os Grand Tetons erguendo-se em toda sua majestade. Para Utah, a floresta petrificada, rochas em matizes impossíveis. Para o Tennessee e as Montanhas Great Smoky, tentando alcançar o topo do Monte Le Conte.

Anos de viagem, anos fazendo o que precisava ser feito. E agora, finalmente, a viagem que vinham adiando porque ela tornava a distância *real*, algo que haviam evitado por muito tempo. Eles não tinham escolha.

Don tinha setenta e dois anos.



Levaram mais tempo do que o esperado para arrumar o trailer. Uma vida inteira de bugigangas e memórias para deixar para trás, tudo contido nas paredes de uma casa que Don pensara

que seria a última. Trinta e poucos anos atrás, eles a viram pela primeira vez, o corretor de imóveis tagarelando sobre o charme da fachada, os pisos de madeira originais, os banheiros reformados. Pensaram a respeito por alguns dias — viram algumas outras casas também —, mas continuavam voltando para aquela. O revestimento de madeira, a base de tijolos. A macieira no quintal. As árvores ao redor, o vizinho mais próximo a quase um quilômetro de distância. Por fim, a casa se tornou deles, e fizeram dela um lar, preenchido com amigos e esperança, brigas e lágrimas e risos.

Rodney e Don pararam em frente à casa, mãos entrelaçadas. Um homem adorável, Don pensou consigo, enquanto tremia e limpava uma lágrima perdida em sua bochecha. Aquilo era mais difícil do que pensara que seria. Ele se perguntou quantas outras pessoas estariam fazendo a mesma coisa, exatamente naquele momento. Dizendo adeus a seus lares para uma última aventura antes de tudo acabar.

— Não é de todo ruim — disse Rodney abruptamente, daquele jeito que fazia quando suas emoções eram grandes demais.

— Não é?

— Não.

— Como chegou a essa conclusão?

— Eu não sei — admitiu ele. — Mas ainda temos a chance de... — Deixou a frase morrer no ar.

Don sabia o que ele estava tentando dizer, mesmo que não conseguisse terminar.

— De pedir desculpas. De estar lá por ele.

Rodney não olhou para ele.

— É. Sim. Isso.



Amigos vieram se despedir em um dia de primavera com garoa. Derramaram lágrimas. Disseram uns aos outros que aquilo não era um adeus, não era o fim; era apenas um “até logo”, um “a gente se vê por aí”. Eram mentiras, claro; embora não dissessem abertamente, todos sabiam que aquela seria a última vez que estariam juntos daquela forma.

Tina e seu marido, Craig, trouxeram muffins em um pote de plástico. Ela disse que eram de limão com sementes de papoula. Pareciam mal-assados, meio arenosos.

Jim, o vizinho idoso que costumava reclamar de absolutamente tudo para qualquer um que estivesse disposto a ouvir, disse que eles eram tolos. Pegar a estrada era uma sentença de morte. Chamou-os de “idiotas” antes de acenar e voltar para sua casa.

Ernest e June, um casal atraente na casa dos cinquenta anos, passaram por lá pouco antes de eles partirem. June chorava baixinho, com um lenço de papel amassado entre as mãos. Ela foi breve, apenas dizendo:

— Diga a ele... diga a ele que mandamos um abraço. E um adeus. — E então enterrou o rosto nas mãos.

— Tem certeza? — perguntou Ernest a Rodney. — Ouvi dizer que coisas malucas estão acontecendo por aí. Sei o quanto isso é importante, mas...

— Temos certeza — respondeu Rodney simplesmente.

Mas Ernest não havia terminado.

— Dois homens de idade na estrada. Vocês precisam ter cuidado, Rodney. Tem gente por aí que vai tentar se aproveitar de vocês.

Rodney bufou com desdém.

— Eu adoraria ver eles tentarem.

Eles se abraçaram e fizeram promessas que não poderiam cumprir. Parados lado a lado na calçada que levava à casa, observaram enquanto seus amigos e vizinhos retornavam para seus lares.

Por fim, Rodney disse:

— Estamos perdendo tempo.

— Sim — sussurrou Don.



Eles entraram no trailer, encarando a casa. Atrás deles, guardada cuidadosamente em uma prateleira, estava a caixa de madeira. Don esperou que Rodney desse a partida no motor. Ele não deu.

Em vez disso, suas mãos tremeram.

Don falou:

— Quando vimos esta casa pela primeira vez, eu disse a mim mesmo: “Não é uma gracinha?” Eu conseguia visualizar, sabe? Mesmo naquela época. Nossa vida. Juntos. Aqui, neste lugar. Seria uma vida boa, pensei. Para todos nós. Natais. Aniversários.

— E foi — disse Rodney, apertando o volante com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos. — Uma vida boa. A melhor vida possível.

Bem, não. Não fora, não poderia ter sido. Mas se Rodney precisava daquela mentira piedosa para seguir em frente, Don não a tiraria dele. Não agora. Ainda não.

— Foi, não foi? — falou Don. — Mesmo com tudo o que aconteceu.

— Mesmo com tudo — concordou Rodney.

Quando compraram a casa, os canteiros de flores estavam praticamente vazios, exceto por algumas cercas vivas raquíticas que não eram aparadas sabe-se lá há quanto tempo. Don passara anos tentando deixá-los do jeito certo.

Primeiro, ele reconstruiu os canteiros sozinho. Escavou toda a terra, a lona plástica, quilômetros e quilômetros de raízes. Trouxe terra fresca e rica em nutrientes. Plantou flores de todas as cores que conseguiu imaginar. Lá no fundo, ele separou uma área ao longo da cerca, à direita. Revirou aquela parte do quintal. Plantou pequenas árvores, morangos e mirtilos, cenouras e trepadeiras que cresceram e cresceram e cresceram até escalarem a cerca.

Rodney ajudava, às vezes, mas Don adorava fazer aquilo sozinho. Era a praia *dele*, algo em que ele não era muito bom no

início, mas que aprendera ao longo do caminho. Leva tempo, Don dizia — jardinagem exige isso. Paciência. Uma disposição para estar errado e ter que começar tudo de novo.

As plantas eram, na estimativa dele, tão melindrosas quanto as pessoas, e igualmente dramáticas. Pode uma planta do jeito errado e ela morrerá só para provar que estava certa.

— Do que você vai sentir mais falta? — perguntou ao marido.

As mãos de Rodney relaxaram no volante.

— Das manhãs — respondeu ele, por fim. — De quando está fresco do lado de fora. O orvalho na grama, parecendo diamante quando a luz do sol brilha sobre ele. Uma neblina baixa que se dissipa lá pelas nove. É silencioso. Tão, tão silencioso. As pessoas não dão valor às manhãs, e por um bom motivo. Temos que levantar para ir à escola. Para o trabalho. Para reuniões e compromissos. Passei a vida inteira sem enxergar como é uma manhã. Depois da aposentadoria, foi como se eu a estivesse vendo pela primeira vez. — Ele fez uma pausa. — Vai doer.

Don fechou os olhos.

— Eu sei. Mas fizemos uma promessa a nós mesmos. De estarmos lá por ele. E, além disso, o quanto mais pode doer? Já passamos pelo pior. Sendo sincero, eu... — Ele hesitou, e então se forçou a terminar o pensamento. — Acho que precisamos ir e dizer o que precisa ser dito. Nós dois.

Rodney não respondeu. Um momento depois, o trailer resmungou ao ganhar vida, e eles deixaram seu lar para trás pela última vez.

CAPÍTULO 2



Eles rumaram para o oeste, seguindo o sol poente. Evitar as grandes rodovias, evitar as grandes cidades. Era melhor evitar a lei o tanto quanto pudessem. Tinham comida suficiente para durar até o fim. Gasolina extra em galões de plástico. Lanternas, cobertores, uma bacia para lavar roupas caso não encontrassem uma lavanderia. Um pequeno gerador, se fosse necessário. Don tentou comer um dos muffins, mas não conseguiu engolir.

Quando alcançaram a estrada, com a casa deles encolhendo lá atrás, Don já estava com os olhos secos e a mente lúcida. A realidade da situação não lhe passava despercebida. Mas ele não estava sozinho. Todos no mundo estavam passando por algo semelhante. Talvez pela primeira vez na história, a civilização inteira sabia da mesma coisa: era apenas uma questão de tempo.

Deixaram a segurança de Camden, no Maine, rumo ao mundo desconhecido além das fronteiras. Passaram por crianças brincando nos quintais, mães segurando bebês enquanto se refrescavam em sprinklers de jardim. Uma placa em frente a uma casa dizia: ARREPENDA-SE ENQUANTO AINDA HÁ TEMPO! O cheiro da água salgada do Atlântico denso como sempre.

As estradas estavam lotadas. Pessoas com a mesma ideia: fugir, ir para longe, longe. Como se alguma distância fizesse diferença. Mas Rodney era nativo do Maine. Ele conhecia as estradas secundárias, os caminhos secretos que serpenteavam entre as árvores. Outros também conheciam, mas não tantos.

Não conversaram muito, ao menos no início, ambos perdidos em seus próprios mundinhos. Rodney estava com as mãos na posição de dez e de duas horas no volante, levemente curvado

para a frente e apertando os olhos, como se os óculos não estivessem bem ali no painel diante dele.

Don, no entanto... estava dentro da própria cabeça. Pensando na primeira vez em que se conheceram. Pensando na maneira como Rodney havia surgido, como se por mágica. Em uma cafeteria, lotada de gente. Don só conseguira uma mesa após observar como um falcão. Esperou até que as pessoas sentadas em uma delas terminassem, levantassem, e então deu o bote para tomá-la para si.

Chá preto com açúcar e um pingo de leite. Um croissant fofo que derretia na língua. Um livro aberto com milhares de palavras ainda por ler.

Então Rodney apareceu, de pé ao lado da mesa, café na mão.

— Se importa se eu me sentar aqui? — perguntou. — Não tem outro lugar.

Ainda que irritado, Don abriu espaço enquanto falava:

— Tudo bem, tudo bem.

Rodney, embora Don ainda não soubesse seu nome, assentiu e sentou-se. A conversa que surgiu devido à proximidade foi forçada no início, amenidades desajeitadas que vinham aos trancos e barrancos. Mas fluíu melhor depois de um tempo, e Don se sentiu estranhamente encantado por aquele homem. Rodney, era seu nome. Rodney com os olhos cinza-azulados e o jeito devastador com que conseguia arquear a sobrancelha. Don achou que nunca tinha rido tanto antes daquele dia e, quando terminaram, Don pensou que havia conhecido alguém que valia a pena.

Levaram quase duas semanas para se verem novamente. Dessa vez, para um jantar onde ficaram tão absortos na conversa que não viram o restaurante fechar ao redor deles. Beijaram-se uma vez naquela noite, um mero roçar de lábios, escondidos nas sombras do estacionamento. Três dias depois, Rodney passou a noite. Isso foi quarenta anos atrás. Ele nunca mais partira.

Don olhou para ele agora e disse:

— Penso em você o tempo todo.

Rodney resmungou.

— Eu estou bem aqui.

— Eu sei. Mas mesmo assim.

Rodney encarou o caminho à frente.

— O que devemos dizer? — Ele tossiu, limpando a garganta.

— Quando chegarmos lá. Para ele.

— Tudo — respondeu Don, embora com cautela. Terreno perigoso, aquele. — Não vamos esconder nada.

— Certo — afirmou Rodney com a voz rouca.

— Eu penso em você — falou Don. — No seu rosto. Nos seus olhos. Na sua mente. Eu ainda sou tão apaixonado por você.

— Eu sei — disse Rodney.



Eles não tiveram pressa, parando para tirar fotos de cervos na floresta, de campos extensos, solitários e fustigados pelo vento, sabendo que ninguém jamais as veria. Mas parecia... normal. Habitual. Pararam sob uma árvore alta e olharam para cima, maravilhados com a altura que ela parecia alcançar. Rodney encontrou um canteiro de íris crescendo ao longo de uma estrada de terra e tocou suas pétalas com as mãos calejadas. Pequenas coisas que poderiam não ter significado nada no dia anterior haviam ganhado um novo sentido. Naqueles primeiros dias, comiam ao ar livre, sentados em mesas de parque ou em cadeiras de praia que haviam trazido. Olhando para o sol, a lua, as nuvens, as estrelas.

Encontraram outros como eles. Outros que haviam empacotado suas vidas inteiras, embora poucos tivessem um destino em mente. Famílias em carros. Pessoas em trailers como o deles. Pessoas em trailers muito mais bonitos que o deles. Pessoas que haviam pedido demissão, tirado os filhos da escola, tudo em nome de encontrar algum significado, uma explicação.

— É como um câncer — disse um homem aos dois. — Você parece estar bem por fora, mas é uma mentira, que vai te alcançar mais cedo do que imagina.